

AS VOZES ENTORNO DA OBRA DE RONIWALTER JATOBÁ: UM CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DE LEITURA

THE VOICES OF THE WORK OF RONIWALTER JATOBÁ: A CONTEMPORARY CONTEXT OF READING

Ana Lúcia Barbosa Monteiro¹

Angela Maria Rubel Fanini²

Resumo: Este artigo tem por objetivo propor uma reflexão entorno dos enunciados já formalmente ditos sobre Jatobá e o conjunto de sua obra no sentido de trazer o contexto de leitura no qual a obra se insere. Esse autor vem se destacando no espaço da prosa literária contemporânea brasileira por produzir uma literatura que retrata e refrata o Brasil vivido pela classe operária nos meados do século XX até os dias atuais. Jatobá tem realizado importantes inserções na ficção contemporânea com uma temática pouco explorada na literatura brasileira canônica: condições de vida do trabalhador brasileiro. Para Jatobá, a condição humana não deve se situar inocuamente, do ponto de vista social e político, na literatura. Vida e arte estão em constantes relações dialógicas. Teoricamente, nossas discussões estão amparadas em Bakhtin (2000), Bakhtin e Volochínov (2004) autores que têm importantes estudos na contemporaneidade sobre o diálogo entre os discursos da arte e da vida.

Palavras-chave: Roniwalter Jatobá. Vozes da fortuna crítica. Literatura brasileira contemporânea.

Abstract: The aim of this article is to propose a reflection around the already formally stated statements about Jatobá and the set of his work in order to bring the reading context in which the work is inserted. This author has been emphasizing in the space of contemporary Brazilian literary prose for producing a literature that portrays and refracts the Brazil lived by the working class in the middle of the XX century until the present day. Jatobá has made important insertions in the contemporary fiction with a subject little explored in the Brazilian canonical literature: conditions of life of the Brazilian worker. For Jatobá, the human condition should not be innocuously situated, from the social and political point of view, in literature. Life and art are in constant dialogical relationships. Theoretically, our discussions are supported by Bakhtin (2000), Bakhtin and Volochínov (2004) authors who have important studies in the contemporary world about the dialogue between the discourses of art and life.

Keywords: Roniwalter Jatobá. Voices of critical fortune. Contemporary Brazilian literature.

Definição do *corpus* e marco teórico

O lugar da Literatura Brasileira no contexto contemporâneo, entendendo-a como um posicionamento discursivo sobre o homem e a vida tem se prestado como objeto de debate bastante intenso não só no campo das letras, mas também por outras áreas do conhecimento como a da história, do jornalismo e da educação. O texto literário, nessas pesquisas, assume importante valor no sentido de trazer um olhar ético e estético sobre a realidade, recriando-a. Seguindo esse contexto de estudo sociológico da literatura, optamos, para esta análise, em que trataremos da obra do escritor Roniwalter Jatobá, por nos embasar em fundamentação teórica interdisciplinar que alia a literatura ao contexto social

¹ Possui graduação em Licenciatura Plena Em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (1998). Especialização em Língua Portuguesa pela PUC/ Minas Gerais e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Doutoranda em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR/UFPI. Atualmente é professora efetiva e Coordenadora Pedagógica do Colégio Técnico de Bom Jesus, PI / UFPI. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação, Literatura, Leitura e Práticas de Leitura e Análise Dialógica do Discurso.

² Professora com Doutorado em Letras, UFSC. Professora de Programas de Pós-Graduação nas: Campus Universitário Andrade- UNIANDRADE, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Bolsista em produtividade em pesquisa CNPq.

e, também, procuramos contextualizar o *corpus* a partir de dois pontos de referência: o primeiro centra-se em certa fortuna crítica sobre a obra de Jatobá. Entorno de sua obra, não há uma fortuna crítica quantitativamente numerosa, mas significativa. O outro ponto está relacionado com os discursos do autorretrato, considerando que o próprio Jatobá, ao longo de sua existência como intelectual da arte literária, tem se pronunciado sobre a natureza, temática, aspectos formais, papel e alcance de sua produção ficcional. Tomamos, também, essas manifestações, de modo especial, como importante fonte de conhecimento sobre a obra. É o olhar do “eu” sobre o “eu mesmo” situado e imbricado interno e externamente a própria obra. Interessa-nos saber quais são as formulações avaliativas e conceituais que os discursos do autorretrato revelam. Assim, traremos para nosso debate, esses discursos que se debruçam sobre a obra de Jatobá, no sentido de dialogar com eles e ao mesmo tempo dar visibilidade à obra, demonstrando esse movimento discursivo entorno do escritor, aclarando seu contexto de leitura. Essas vozes serão fonte, ponto e contraponto no debate a que nos propomos neste artigo.

Jatobá vem desenvolvendo um projeto enunciativo com fecundidade temática e discursiva bastante relevante, oferecendo à crítica e ao leitor de sua obra a possibilidade de ler o Brasil do século XX pelas lentes do discurso literário produzido sob sua autoria. O intelectual tem focalizado mormente o trabalhador brasileiro, dando voz ao homem simples do trabalho artesanal e industrial, de classes menos favorecidas, temática não muito comum nas Letras. As questões relacionadas ao universo do trabalho avultam em sua obra, dando sentido à vida dos personagens. Bakhtin e o Círculo russo são autores que interpretam o texto literário em seu contexto social, histórico, cultural e econômico e, compõem o quadro de referências que nos auxiliou no diálogo com as vozes da fortuna crítica desse autor. Assim, reafirmamos que o eixo central de nossas discussões, nas páginas deste artigo, movimenta-se em torno das construções discursivas da fortuna crítica do escritor Roniwalter Jatobá.

O conjunto da obra de Jatobá se insere historicamente no contexto do Brasil do século XX, marcadamente nas décadas de 1960, 1970 e 1980, anos em que houve um endurecimento da ditadura militar, sendo crescente os atos de violência contra os cidadãos brasileiros. A sujeição, a arbitrariedade, a intolerância, a perseguição e o cerceamento das liberdades eram muito mais fortes contra aqueles desabastados que se aventuravam para os grandes centros em busca de emprego no setor fabril. Jatobá coloca em cena esse cenário político, bastante desfavorável para as personagens, não raro de origem humilde.

Bakhtin, em seu texto “O Estudo Literário Hoje”, defende que “[...] a literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época” (BAKHTIN, 2000, p. 362). Embora Jatobá, como já mencionado, detenha-se na formalização da vida material, ou seja, do trabalho e seus sentidos, não podemos nos ater a analisar sua obra só do ponto de vista econômico. Para isso, amparamo-nos em Bakhtin que, mesmo dentro da tradição marxista que enfatiza a ontologia do trabalho, separa-se dessa visão e aposta no âmbito cultural-discursivo. O pensador russo não segue uma visão marxista determinista que se baseia na influência exclusiva do econômico

sobre o cultural. Antes, refuta esse determinismo e fortalece um marxismo cultural em que múltiplos fatores agem sobre o discurso literário, ou seja, o histórico, o social, o filosófico, o cultural e, também, o econômico. Sob esses aspectos, Bakhtin se posiciona:

[...] não se pode separar a Literatura do resto da cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores socioeconômicos. Esses fatores influenciam a cultura e somente através desta, e junto com ela, influenciam a Literatura (BAKHTIN, 2000, p.362).

Nesse sentido, Bakhtin, embora dentro do marxismo, não se atrela a um marxismo dogmático-economicista que vê a prevalência apenas do econômico sobre o cultural. Segundo ele, a ciência literária não apenas possui vínculos com a cultura, mas também, se integra como parte constitutiva da mesma, à medida que é influenciada diretamente pelos fatores culturais que, por sua vez, são influenciados pelos aspectos de ordem econômica e social. “É fascinante, por exemplo, entre muitas outras coisas, o modo como Bakhtin torna o social, o histórico e a cultura como elementos imanentes do objeto estético”, assinala Faraco (2011, p. 21), interpretando Bakhtin.

O contexto cultural de leitura de uma obra demonstra a importância da literatura como fonte de conhecimento sobre o homem. O texto só adquire sentido quando transita pelo universo da leitura. O ato de ler, interpretar, analisar, assim como, emitir um juízo acerca do discurso literário, pode resultar nos mais diversos sentidos para a obra lida, destacando temáticas diversas. Nas palavras de Volochínov:

Um livro, ou seja, um discurso verbal impresso também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em discurso direto e vivo, e, além disso, é orientado para uma percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, em como uma reação organizada, também impressa, sob formas diversas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva (resenhas, trabalhos críticos, textos etc.) (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 219).

A obra de Jatobá já apresenta certa fortuna crítica, comprovando-se que tem circulado o que a mantém viva, pois só o contexto de leitura tem o poder de dar sentido à obra. Sendo assim, este artigo aposta no diálogo com as vozes discursivas que, em tons apreciativos e acentos avaliativos, recepcionou, leu com afincio, penetrou nas entranhas e fronteiras linguísticas dos enunciados da obra de Jatobá, dimensionando sua abrangência e qualidade estética e humanizante. Esse diálogo, com certeza, em movimento dialógico, abrirá a possibilidade de compreensão de uma ontologia crítica da obra jatobiniana, conferindo-lhe visibilidade. Ressalta-se, que esse diálogo também se estende, inclusive, com as vozes do autorretrato, ou seja, Jatobá por ele mesmo, à medida que a voz de Jatobá está localizada em pontos privilegiados — dentro e fora do contexto de produção —, na ação de ler e analisar a própria obra, resultando em um leitor especial, sendo aquele que escuta as vozes discursivas do autorretrato, experiência singular, nela imerso, mas também distanciado. O autor é o leitor de si. Aqui o fator exotopia garante um certo distanciamento de si mesmo à medida que o autor comenta a sua obra. Dialogicamente

Jatobá está imerso em sua obra, pois é o autor organizador e criador, mas também fora mediante sua voz crítica que concebe a totalidade da obra, imprimindo-lhe o acabamento proporcionado pela perspectiva de fora.

Seguindo pressupostos que articulam a literatura à cultura, à sociedade e à vida humana, debateremos os discursos e as vozes que se posicionam sobre a obra de Jatobá. Os pensadores russos do Círculo de Bakhtin, que embasam esse artigo, destacam a importância dos enunciados proferidos enquanto manifestações avaliativas. Todo ato de leitura e interpretação de uma obra é uma avaliação sobre ela: “Qualquer palavra dita ou pensada não é somente um ponto de vista, mas um ponto de vista avaliativo” (VOLOCHÍNOV, 2013, p.196). É nesse sentido que nos referimos sobre a importância de se tomar por base o já dito acerca da obra de Jatobá como meio e fonte de conhecimento para se debater a circulação e o alcance literário da obra desse autor no contexto contemporâneo. A nossa enunciação sobre a obra entra em dialogia com as outras vozes, compondo um conjunto discursivo em que a obra vai adquirindo sentido. Nas palavras de Bakhtin (2000, p.375), “não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederam; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia”. Motivo pelo qual, dialogar com as vozes já enunciadas acerca desse objeto é um passo importante para alcançarmos o debate circunscrito na teia discursiva na qual ele está inserido. Ao lermos a obra de Jatobá, já estamos imbuídos de certa avaliação sobre ela, advinda de outros contextos de leitura. “As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos” (BAKHTIN, 2000, p. 314). Temos a convicção de que o olhar crítico do outro sobre o objeto se torna um ponto de escuta e enunciação para sempre se iniciar um diálogo, dimensionar e redimensionar um juízo de valor sobre esse objeto. A importância da escuta atenta da voz do outro na construção de sentidos de um dado objeto é, reiteradamente, definida por Bakhtin nas mais diversas situações:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior da boca dos outros (da mãe, etc.) e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 2000, p.378).

Desse modo, nossa principal tarefa nas páginas deste artigo, é promover um diálogo entre os enunciados já formalmente ditos sobre Jatobá e o conjunto de sua obra no sentido de trazermos o contexto de leitura no qual a obra se insere. Procuraremos demonstrar o que cada contexto de leitura prioriza e como avalia a obra, tentando desse modo identificar e mapear uma certa fortuna crítica sobre o autor.

O contexto de leitura da obra jatobiana: a construção da obra pelos leitores

Caminhar sob o tecido discursivo em que ecoam as vozes da fortuna crítica de Roniwalter Jatobá, posicionou-nos frente a um quadro de vozes discursivas atento, evidente e muito ponderado que, conforme suas entonações discursivas e ângulo abordado, examinou os aspectos técnicos do ato criador: formais e composicionais da obra desse escritor, como também, aos econômicos, sociais, culturais e éticos. Vozes estas que se aproximam, se confirmam, se reforçam, se sobrepõem. Acompanhar esse movimento de vozes entorno da obra de Jatobá foi fundamental na tarefa de organização e formalização dos enunciados deste trabalho. Assim, sem qualquer pretensão de esgotar esta discussão, ter nos aproximado desse complexo conjunto de reflexões críticas sobre a obra jatobiniana, nos possibilitou entender uma ontologia crítica do ser Jatobá-pessoa/Jatobá-escritor no contexto contemporâneo da Literatura Brasileira. Nesse sentido, é que reiteramos nosso objetivo em tomar a fortuna crítica desse autor como um recorte teórico para mediar nossa compreensão no que tange à esfera de criação, aspectos estéticos e extra estético da obra, na medida que essa fortuna crítica é legitimamente um contexto de leitura literária contemporaneidade.

Pensar, as vozes entorno da obra de Roniwalter Jatobá, um contexto contemporâneo de leitura, como objeto de estudo, deste trabalho, colocou-nos frente, a partir de uma perspectiva dialógica da linguagem, ao que eloquentemente disse a professora Enid Yatsuda Frederico ao prefaciar o livro “No Chão da Fábrica”, de Roniwalter Jatobá, publicado em 2016: “É trabalho literário que se reencontra com trabalho material de seus sofridos personagens. E isso, é Literatura, com maiúscula!” (FREDERICO Enid, 2016, p.13). Esse pensamento da professora Frederico, se explica à medida que Jatobá pelo seu conhecimento intelectual, inovador e fabulativo percebe a linguagem como um intenso processo de infinitas possibilidades discursivas capaz de interativamente engendrar um amplo diálogo entre mundo da literatura e o mundo do trabalho que, para Jatobá, é um território caracterizado pelas relações de luta e sociabilidade entre o indivíduo e o mundo circundante. Bakhtin em seu texto “O Problema do Conteúdo”, publicado em “Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance,” traduz as palavras da professora ao afirmar que “[...] a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda a plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo ou outro que seja” (BAKHTIN, 2014, p. 33). Esse fenômeno que movimenta e refrata o real, o vivido, o experimentado para o mundo da arte é o que caracteriza e identifica a obra de Jatobá como uma literatura com “maiúscula” e de peso literário. Enid Yatsuda Frederico torna evidente dois importantes aspectos na obra de Jatobá: o trato formal, semântico e estético com a linguagem e a materialidade do trabalho em interface com vida sofrida das personagens. Para a professora Frederico, o que assina a singularidade do projeto literário de Jatobá é a maestria como que ele se apropria desses dois aspectos no contexto da obra, transformando-os em uma unidade discursiva de alto padrão estético.

Para Fanini e Santos (2013, p.198), que vem desenvolvendo expressivos trabalhos sobre a obra desse escritor, aponta que Jatobá, “em boa parte de sua obra, tem recriado o mundo material do trabalho, apontando a importância e a centralidade do trabalho na vida e na vida das personagens”. Nota-se que a voz de Fanini e Santos (2013) focaliza a materialidade do trabalho como ponto importante em Jatobá. O recorte apresentado por Fanini e Santos (2013), eleva na obra de Jatobá a relação entre os aspectos estéticos e as circunstâncias sociais e históricas em que a obra se insere. Logo, para Fanini e Santos (2013, p. 198), a obra: “não é entendido enquanto uma realidade autônoma, desvinculado de suas coordenadas históricas”. Percebe-se a similaridade e o intercâmbio entre a voz de Fanini e Santos e, a voz de Enid Frederico.

Reavivando a voz de Enid Yatsuda Frederico e, Fanini e Santos e, acrescentando mais um enfoque: os aspectos remissivos e, sobretudo, a habilidade de aglutinar em um mesmo modelo discursivo as formas velhas de narrar e as técnicas da narrativa moderna, o professor e crítico literário Flávio Aguiar, por sua vez, na apresentação do livro “Paragem”, afirma que:

A arte de Roniwalter está em, a partir da crise social, construir uma visão da crise ética decorrente e conseguir uma solução estética consistente, através do recurso às reminiscências das formas velhas de narrar por trás das características da narrativa moderna (AGUIAR, 2004, p.14).

Notemos que, nas palavras do crítico literário, o que consagra Jatobá como um grande escritor é seu modo de, a partir de uma realidade social sombria e crítica, encontrar possibilidades expressivas na linguagem literária que traduzam essas tensões. Esse arranjo discursivo/literário, em que o escritor/romancista mobiliza para construção composicional de sua obra é entendido por Bakhtin como uma atividade dialógica em que o romancista “[...] acolhe em sua obra as diferentes falas e as diferentes linguagens da língua literária e extraliterária, sem que esta venha ser enfraquecida e contribuindo até mesmo para que ela se torne mais profunda” (BAKHTIN, 2014, p.104). Isso quer dizer que Jatobá, nos acertos de sua intuição intelectual, mobilizando sua sensibilidade perceptiva e discursiva, mediado pelas relações sociais e pela situação de produção, utiliza-se, tecnicamente, dos recursos e efeitos linguísticos inerentes às formas composicionais do gênero narrativo para materializar literariamente seu pensamento. O domínio dessas habilidades discursivas é também compreendido por Volochínov. Segundo esse filósofo, isso só é possível para o escritor que compreende a linguagem em todas as suas configurações discursivas dentro da realidade social, caso o escritor não se aproprie da linguagem enquanto fenômeno construído socialmente, não tem condição intelectual de “estudar corretamente o que chamamos estilística da arte verbal” (VOLOCHÍNOV, 2013, p.134). Na voz de Flávio Aguiar, o social, o ético e os recursos das formas narrativa — velho e novo — ganham tratamento estético diferenciado em Jatobá.

O também crítico literário Fábio Lucas, ao prefaciar a terceira edição de “Sabor de Química”, ratifica os discursos dessas vozes já pronunciadas sobre o domínio e habilidade desse escritor com a construção composicional da narrativa. Para Lucas (2016, p. 189), “o ficcionista sabe valorizar muito bem

os recursos da narrativa moderna, utilizando com naturalidade e a maestria o estilo indireto livre, em que irrompem delicados movimentos interiores das personagens”. A aderência do escritor, ao uso sintático do discurso indireto livre na construção dos registros de fala na trama, segundo Volochínov (2017, p. 270), deve-se ao fato de que: “o discurso indireto livre ouve” diferentemente o enunciado alheio, percebendo-o ativamente e atualizando, na sua transmissão, outros aspectos e tons em comparação com os demais modelos. Jatobá procura conscientemente alinhar seus pensamentos a um modelo formal que produza dinamicidade e coerência discursiva, resultando em uma experiência bem lograda com os constantes diálogos envolvendo os discursos da vida e os discursos da arte. De modo mais preciso, entendemos que, o crítico literário, Fábio Lucas acentua em Jatobá a sua maneira equilibrada de criar uma simbiose entre forma e conteúdo. “Roniwalter Jatobá sabe enredar seu relato, monta conscientemente a substância narrativa. E qualifica-se como um dos nossos melhores retratistas de ambientes e mudanças”, entona Lucas (2016, p.186).

Essa perspectiva descrita acerca do tratamento fino, cuidadoso e organizado com a linguagem pelo qual o projeto literário de Jatobá se identifica, posta por esta linhagem de críticos literários como Flávio Aguiar, Fábio Lucas e a professora Enid Yatsuda Frederico, ganha autoridade e reforço discursivos na voz do excepcional Noel Arantes que firmemente diz:

Procurarei ressaltar aqui alguns aspectos desse notável trabalho. Poderia inicialmente dizer do paciente e competente apuro de linguagem que caracteriza seu texto, sobretudo realizado a partir de um diálogo muito produtivo com grandes prosadores brasileiros do século XX. Trata-se de um autor que dá prosseguimento ao que temos de melhor em nossa prosa, mas sem perder a personalidade (ARANTES, 2016, p. 256).

O ficcionista Roniwalter Jatobá é exemplo convincente de escritor contemporâneo que jamais pode ser confundido com novidade, posto que sua obra seja sólida e o longo caminho que ele já percorreu atesta que seu lugar é dos mais honrosos (ARANTES, 2016, p. 256).

Essa habilidade com a escrita literária destacada pelo conjunto de crítica aqui já expressado, entendemos que é fruto de um processo de reflexão e aproximação, como ressaltou Noel Arantes, de Jatobá com a prosa dos grandes escritores brasileiros. Logo, porque, o ofício de escrever para Jatobá significa, com uma linguagem específica, traduzir e manifestar sua inquietude e inconformismo com a realidade a qual está embebido. O ver de Jatobá que repousa sobre as nuances da sociedade brasileira não é de um historiador, nem muito menos de um sociólogo, mas sim, de um sujeito que, na condição privilegiada de escritor, munido da afabilidade, agudeza crítica e compromisso ético, reconhece na arte literária o lugar propício para expressar, dialogicamente, a partir de sua experiência sensível com a vida, a cultura, a sociedade e com o mundo, sua visão humanista de sujeito escritor, que se enuncia do lado de seus sofridos personagens. Daí, afirmar que Jatobá, utilizando-se da linguagem literária, atinge com êxito aquilo que as formas tradicionais de pensar não são capazes de alcançar. Desse modo, não há como negar que a forma de narrar em Jatobá constitui uma vertente muito bem qualificada.

Nesse contexto, não por acaso, outro grande escritor mineiro, com notável prestígio literário no Brasil e Europa, talvez, se colocássemos em análise somente a tônica da temática em si: o mundo do operariado brasileiro, ou seja, a materialidade social, econômica e cultural, essa seria a apreciação do legado jatobiniano de maior eminência: Luiz Ruffato, escritor que, nas últimas décadas, tem produzido importantes trabalhos sobre a temática nuclear abordada na literatura de Roniwalter Jatobá: a classe operária. Ao voltar seu olhar crítico acerca do conjunto da obra de Roniwalter Jatobá, Ruffato é bastante enfático no seu discurso ao reforçar a importante imersão de Jatobá no mundo proletário. Para esse escritor, no Brasil de hoje, Jatobá é uma das poucas vozes da literatura nacional, que adentra o mundo proletário em que as angústias materiais se aglutinam com os pessoais para revelarem as identidades e subjetividades de seus personagens. Para Ruffato (2009), em diversos momentos da obra de Jatobá, os operários são flagrados em enfrentamentos na atividade laboral e isso é o grande diferencial de sua obra. “Talvez o único autor que tenha feito deste tema o motivo de sua ficção seja Roniwalter Jatobá, ele mesmo, o ex-operário” (RUFFATO, 2009, p. 265). As palavras de Ruffato podem ser realçadas no pensamento de Bakhtin e Volochínov, nas reflexões de discursos na vida e na arte, esses dois pensadores assinalam que a situação extraverbal não se constitui tão somente como causa externa do enunciado, “a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 08). Em resumo, vimos que para ambos os pensadores, a comunicação verbal está de maneira permanente vinculada às diversas circunstâncias da vida social do homem, sendo impossível pensar o homem fora do conjunto de situações do mundo real.

O festejado autor de “Quatro Olhos”, o escritor e jornalista Renato Pompeu, no prefácio da segunda edição de “Sabor de Química”, obra de estreia de Jatobá como escritor, afirma que:

A partir do mundo operário da periferia de São Paulo, Jatobá chega ao nível da arte não pelo que em sua obra existe de documental, mas exatamente pelo que nela há de universal, de constatações sobre a condição humana sempre às voltas com as precárias condições da sociedade. E esse ímpeto artístico é em Jatobá tão intenso que o levou a criar uma forma própria, só sua, originada da linguagem popular, mas que com ela não se confunde (POMPEU, 2016, p.183-184).

Pode-se entender, desse registro de Renato Pompeu, que a capacidade de Jatobá de elevar sua trajetória crítica de uma vida em sociedade atravessada por conflitos de ordem políticos e sociais na cidade de São Paulo ao patamar cosmopolita, é o que sistematicamente torna-o um intelectual que transita nas linhas de respeito, reconhecimento e admiração manifestadamente pela crítica literária. Entende-se, desse modo, que a leitura de Jatobá serve, entre outras especificidades, para se pensar e analisar outras realidades urbanas que não se limitam ao proletariado brasileiro, logo, rompe as fronteiras de espaço e tempo tornando-se universal. Renato Pompeu reforça que, embora o ponto de partida linguístico tenha sido a linguagem popular, há na obra de Jatobá um trabalho substancial com a linguagem e com preocupações literárias intensas empenhadas em atender as exigências peculiares do fazer artístico. Além disso, a obra de Jatobá carrega uma refinada e profunda sensibilidade artística imprimindo sua marca própria. Por essa

razão, afirmamos que para ele a literatura apresenta-se, potencialmente, como uma possibilidade de espaço discursivo em que várias vozes se enunciam, se mesclam, se entrelaçam e se interagem. Sobre isso, Bakhtin (2014), afirma que o romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente.

Nesse âmbito, quem também assinala a fortuna crítica de Jatobá é a voz discursiva do professor Celso Frederico. No prefácio de uma das obras de maior discursividade temática e vigor literário de Jatobá, “Crônicas da Vida Operária”, ele afirma, com precisão nas palavras, que Jatobá coloca sua capacidade e a sublimação discursiva para captar literariamente a precariedade vivida e a superexploração das forças de trabalho daqueles recém-chegados nordestinos no subúrbio industrial de São Paulo, cooptados pelo sistema de produção da lógica capitalista que ensejava, servilmente, a todo e qualquer custo, a industrialização do país. Celso Frederico, ressalta que “Roniwalter é um mestre na arte de narrar, um operário que trabalha com apuro das palavras e, com elas, traduz as aflições daqueles migrantes nos anos de aprendizagem, de adaptação ao mundo urbano e ao trabalho fabril” (FREDERICO Celso, 2016, p. 194). Em suma, Celso Frederico, prioriza em sua análise o que já percebemos nas vozes já supracitadas. Portanto, a construção discursiva do Jatobá-escritor pelas lentes de Celso Frederico, retoma e reitera, continuamente, a questão da conexão entre a literatura e o mundo para além dela, sempre concedendo primazia aos aspectos composicionais da narrativa, que nunca é reduzida puramente ao reflexo de outra coisa.

O jornalista e escritor Fernando Morais, ao prefaciando a primeira edição do livro “Crônicas da Vida Operária”, com o título de “Operários” no Prêmio Casa das Américas, conta que tomou conhecimento da obra de Jatobá no ano de 1978, quando atuou como jurado do Prêmio Casa das Américas, em Cuba. Segundo Morais (2016), “Crônicas da Vida Operária” só não foi vencedora do concurso pela rigidez interna do processo que definia critérios expressos acerca do gênero composicional a ser avaliado, no caso o testemunho. Entretanto, Morais (2016), ressalta que todo o corpo de jurado viu com muito apreço literário a temática e a riqueza discursiva da obra jatobiniana. Para Morais (2016, p. 247), “a temática de Roniwalter que tanto impressionou os latinos americanos ainda nos pega de surpresa”. A afirmação do jornalista deve-se ao fato de Jatobá como mineiro, salvo raras exceções, não toma como mote “a galinha que cisca minhocas no fundo de quintal de Belo Horizonte, nem mesmo a nostalgia das porteiras e carros de bois que até em Minas já foram engolidas pelo progresso” (MORAIS, 2016, p. 247). Isso tem explicação, conforme ideias de Morais (2016), pelo fato de que Jatobá não ficou preso ao pensamento da maioria de jovens de sua geração que mantinha o olhar fixo nas angústias existenciais. Jatobá toma rumos diferentes: adentra o sertão baiano e depois vive as labutas do operariado em São Paulo arrancando dessa sua experiência matéria-prima para sua literatura: “cada homem ao conhecer a realidade, conhece de um determinado ponto de vista” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 198).

O exposto acima dimensiona, de modo crítico, a qualidade e a seriedade em que Jatobá, a serviço de sua sensibilidade artística, exercita sua inteligência. O diálogo com as vozes de diferentes críticos sobre sua produção literária confirma o que já vem sendo discutido por nós acerca do conjunto de sua obra.

Não cabe aqui mais qualquer dúvida de que não estamos tratando de um escritor com “maiúscula” consoante como afirmou a professora Enid Yatsuda Frederico anteriormente. A fortuna crítica sobre o primado literário desse escritor não está concentrada especificamente em uma única obra. O conjunto da produção ficcional de Jatobá é todo contemplado pela apreciação crítica.

Conforme já reportamos na parte introdutória deste artigo, o significado das vozes do autorretrato, Jatobá por ele mesmo na construção do diálogo com as vozes pronunciadas acerca da obra desse escritor, dentre os vários veículos comunicativos que Jatobá teve a oportunidade de manifestar sua posição crítica sobre sua própria obra, a entrevista concedida a Giovanni Ricciardi se constituiu em um material bastante significativo para nossa pesquisa. Entrevista esta, que tem seus registros no livro “Biografia e Criação Literária”, vol. 3, “Entrevistas com Escritores Mineiros”, de 486 páginas. Esse livro resulta da continuação de um projeto desenvolvido pelo pesquisador italiano Giovanni Ricciardi, organização de Dulce Maria Mindlin, publicado no ano de 2008, pela editora UFOP, de Ouro Preto-MG, ISBN 978-85-288-0059-3. A obra reúne uma série de entrevistas com os escritores mineiros com grande projeção literária no contexto nacional e internacional. O livro é uma espécie de discurso autobiográfico e, entre esses grandes nomes está Ronivalter Jatobá. Em uma longa e densa entrevista, Jatobá fala ao entrevistador de sua formação de jornalista e escritor, fala das entranhas discursivas inerentes ao ato da composição literária, descreve também de seu núcleo familiar, do sentido de ser escritor, bem como seu papel e missão perante as mazelas que acometem as classes menos privilegiada no Brasil. Jatobá caracteriza social, político e culturalmente sua obra. Por último, traça com precisão linguística, em um discurso honesto e lúcido seu autorretrato, expondo com clareza suas insatisfações com o mundo político, com a justiça e a elite brasileira. Argumenta da necessidade de vivermos em um país em que os mais pobres possam ter moradia digna, comida, escola e um mundo menos violento. Em síntese, nessa entrevista Jatobá faz reconstrução do seu passado sem perder o momento presente e o futuro. Essa entrevista, pela sua natureza temática, conceitual, formal e metodológica de sua abordagem, entre as várias fontes que empreendemos nossas buscas, constitui-se como um rico acervo de informações de caráter pessoal e literário do autor. Quando solicitado para fazer um autorretrato, definiu-se como:

Sou um escritor solto em São Paulo, tentando refletir essa realidade que conheço, que é a do imigrante nordestino... às vezes me sinto magoado por não tentar compreender melhor o mundo que vivemos, um mundo de políticos incompetentes, num país de militares golpistas, num país de ricos que não tem coragem de dividir nem um pouco sua riqueza...num país onde 60% da população vive na miséria... É grande a luta do escritor. Eu quero participar dela de forma que torne o mundo melhor: que as pessoas tenham moradias dignas, comida, escola, sem tanta violência. Só podemos fazer isso através da luta e a luta do escritor é escrever tentando refletir a sociedade... Acho que também através do jornalismo a gente pode tentar transformar a sociedade, mas é através da literatura que a gente pode refletir com mais seriedade, mais honestidade esse mundo triste da sociedade brasileira (JATOBÁ, 2008, p. 444).

Essa passagem da entrevista é bastante elucidativa e já define com precisão o lugar no qual o escritor se posiciona para manifestar, com argúcia crítica, sua posição política de inconformismo, aversão e repulsa contra um Estado omissivo e opressor, como também, seu modo de insurgir-se contra um sistema social classista, perverso e desigual que assalta cotidianamente a dignidade do trabalhador brasileiro. Jatobá mostra-se tocado e afetado com a violência física e simbólica contra aqueles que, devido sua posição na obscura zona dos processos históricos e sociais brasileiros e a força coercitiva dos mecanismos de poder pela classe dominante, não conseguem romper as travas das barreiras socialmente impostas. Percebe-se, assim, que o discurso jatobiniano aclara e demarca literalmente seu território político e social, suas referências, fronteiras e inquietações. Para esse autor o mundo da ficção, privilegiadamente, apresenta-se como simbolização do seu imaginário social.

Nessas circunstâncias, o autor apropria-se do texto literário e o constitui como espaço de diálogo, renovação e crítica das linguagens e sobre o mundo. Jatobá elege o mundo da literatura como meio viável para projetar as assimetrias sociais e as ideias em laboração dos sujeitos em sociedade. Assim, de maneira geral, desse fragmento de entrevista compreendemos que Jatobá faz uma aguda reflexão filosófica, política e social sobre seu estar no mundo, bem como seu pensar literário diante das incongruências sociais e o estado de exceções institucionalizados na sociedade brasileira. “O ato estético engendra a existência num novo plano de valores do mundo; nasce um novo homem e um novo contexto de valores — um novo plano do pensamento do homem sobre o mundo”, proclama Bakhtin (2000, p.205). Em resumo, a voz de Jatobá por ele mesmo dialoga fluentemente com as vozes já supracitadas quanto a materialidade do mundo. Em resumo, Jatobá por “ele mesmo” acentua que a relação “forma e conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social” (BAKHTIN, 2010, p. 71).

Considerações finais

Como consequência do diálogo que empreendemos com a fortuna crítica do escritor Roniwalter Jatobá, aqui na escrita deste artigo, finalizamos nossas discussões, cientes de que cada voz, mesmo com enfoques analíticos, diversos, por vezes, por mirantes diferentes, demonstrou uma confluência de ideias entorno dos seguintes pontos: o modo como Jatobá estrutura no interior de sua obra os processos composicionais do texto, a simbiose entre forma e conteúdo discursivo e, o fino trato e domínio com a linguagem e eloquência discursiva. A utilização de maneira inovadora e surpreendente dos aspectos e recursos das formas narrativas tradicionais e modernas se fez presente na voz de Flávio Aguiar, Fábio Lucas e Celso Frederico. O valor estético da obra e os valores sociais, culturais, políticos e econômicos foram destacados de formas mais intensa em algumas vozes e de maneira sutil por outras. Como por exemplo, a própria voz de Jatobá assinala declaradamente a essencialidade da relação orgânica entre o fenômeno literário e a realidade que a circunda. Para ele, nem os elementos do plano estético e nem os acontecimentos extraliterários situam-se em polos distintos, mas sim, se confluem na forma

composicional. Em Enid Yatsuda Frederico, Fanini e Santos, Flávio Aguiar e Luiz Ruffato, os planos econômicos e sociais são recortados com mais ênfase, demonstrando um intercâmbio visível entre suas vozes.

É notável no conjunto das análises, aqui empreendidas, que embora Jatobá tenha pensamento sofisticado, com grande esforço de redação, a narrativa recebe um tratamento sintático maximamente simples, para isso o autor evita a nomenclatura excessivamente técnica e o hermetismo. Sem diminuir o rigor e a qualidade literária do texto, Jatobá transforma a matéria-prima de sua obra em material bastante compreensível, o que certamente facilita a compreensão, levando o leitor a envolver-se com esse universo literário. Isso, decorre porque, em Jatobá, qualquer público pode se deleitar e viajar em suas tramas literárias. No entanto, seu público de eleição é o próprio proletariado. Dessa forma, Jatobá faz da narrativa ficcional um instrumento refinado e moderno de estudo das vozes do mundo do trabalho, com um olhar abrangente, por assim dizer, essencial, que o situa no nível dos grandes ficcionistas brasileiros contemporâneos.

Ademais, a nosso ver, mediante os diversos contextos de leitura, aqui emergidos, observamos que os aspectos do plano formal foram tomados como lugar de entonações e avaliações críticas por um contingente significativo de intelectuais. Os elementos constituintes do contexto externo, priorizado em escala menor, mas não menos importante, implicaram um olhar coerente, atento e bastante relevante, logo esses dois aspectos se completam. De tudo, a voz dos discursos críticos sinaliza para a articulação entre vida e literatura na obra de Jatobá que alia o estético ao ético no sentido de que Jatobá responde ao contexto, posicionando-se axiologicamente ao lado dos mesmos favorecidos pela sorte. Jatobá problematiza a realidade social, cultural e histórica que pesa sobre os marginalizados, respondendo a um contexto inóspito aos mais fracos. Apoiando-nos na qualidade intelectual das vozes críticas que trouxemos, vale dizer que, são avaliações que vão engendrando e assegurando ao conjunto da obra de Jatobá sentidos e indicações de leitura com referência no contexto da Literatura Brasileira Contemporânea.

Referências

- AGUIAR, Flávio. Prefácio do livro Paragens de Roniwalter Jatobá. In: JATOBÁ, Roniwalter. **Paragens**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ARANTES, Noel. In: JATOBÁ, R. **No chão da fábrica**: contos e novelas. Nova Alexandria. São Paulo, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Tradução: Maria Ermanlina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini et.al. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra, 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza (para fins didáticos), 2004, p. 1-16.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

FREDERICO, Enid Yatsuda. In: JATOBÁ, Roniwalter. **No chão da fábrica**: contos e novelas. Nova Alexandria. São Paulo, 2016.

FREDERICO, Celso. Prefácio do livro Crônicas da vida operária de Roniwalter Jatobá. In: JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Global, 2016.

JATOBÁ, Roniwalter. Entrevista. In: RICCIARDI, Giovanni. **Entrevistas com escritores de Minas Gerais**. Dulce Mindlin (Org.). Ouro Preto: UFOP, 2008, v. 3, 486 p.

_____. **No chão da fábrica**. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

LUCAS, Fábio. Prefácio do livro Sabor de Química de Roniwalter Jatobá. In: JATOBÁ, Roniwalter. **Sabor de química**: crônicas nordestinas. São Paulo: Oficina de Livros. 3 ed. 2016.

MORAIS, Fernando. Operários. Prefácio de Crônicas da vida operária de Roniwalter Jatobá, 2016. In: JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Global, 1978.

POMPEU, Renato. Prefácio do livro Sabor de Química de Roniwalter Jatobá. In: JATOBÁ, Roniwalter. **Sabor de química**: crônicas nordestinas. São Paulo: Oficina de Livros. 2 ed. 2016.

RICCIARDI, Giovanni. **Entrevistas com escritores de Minas Gerais**. Dulce Mindlin (Org.). Ouro Preto: UFOP, 2008, v. 3, 486 p.

RUFFATO Luiz. **Contos ontológicos de Roniwalter Jatobá**. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

SANTOS, A. C. dos; FANINI, Ângela Maria Rubel. Trabalho artesanal e trabalho industrial como elementos de sociabilidade, subjetividade e tragédia em “a mão esquerda” de Roniwalter Jatobá. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 42, p. 197-208, 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. João Wanderley Geraldi (Org.). São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem. Tradução: Sheila Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.